

## ZILA MAMEDE, JORNALISTA

### [ZILA MAMEDE, JOURNALIST]

Gustavo Leite Sobral  
Juliana Bulhões Alberto Dantas

**Resumo:** Abordamos nesse artigo uma faceta desconhecida de Zila Mamede (1928-1985): a de jornalista. Pouco se sabe de sua colaboração e de sua atuação no jornalismo, ao contrário do que se observa da sua trajetória enquanto poeta, bibliotecária e pesquisadora. Zila se torna colunista interina, cronista e repórter bissexta no jornal potiguar *Tribuna do Norte* e, posteriormente, redatora do jornal potiguar *Diário de Natal*. Além disso, chegou a ser correspondente internacional do jornal carioca *O Globo* e colaborou com os suplementos literários de jornais de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Diante desse contexto, relacionamos as publicações da autora no jornal *Tribuna do Norte* entre os anos de 1950 e 1952. Acreditamos que a poeta praticava um Jornalismo híbrido, um Jornalismo autoral.

**Palavras-chave:** Zila Mamede; Jornalismo; *Tribuna do Norte*; Jornalismo autoral.

**Abstract:** We discuss in this article the career as a journalist of Zila Mamede (1928-1985). We know little about her collaboration and her work in journalism, contrary to what is seen of her performance as a poet, librarian and researcher. Zila becomes an interim columnist, chronicler and casual reporter in the newspaper *Tribuna do Norte* and later editor of the newspaper *Diário de Natal*. In addition, on one occasion she was an international correspondent for the newspaper *O Globo* and collaborated with the literary supplements of newspapers in Recife, Rio de Janeiro and São Paulo. Given this context, we did a survey of the author's publications in the newspaper *Tribuna do Norte* in the year 1952. We conclude that the poet practiced a hybrid journalism that we consider as author's journalism.

**Keywords:** Zila Mademe; Journalism; *Tribuna do Norte*; Author's Journalism.

### Introdução

Uma faceta desconhecida de Zila Mamede é a sua atuação como jornalista. Zila Mamede (Nova Palmeira/PB, 1928; Natal/RN, 1985) começou publicando poemas, crônicas e reportagem no jornal *Tribuna do Norte*, em circulação no Rio Grande do Norte até os dias de hoje. Mas pouco se sabe de sua colaboração e sua atuação no jornalismo, ao contrário do que se observa da sua atuação enquanto poeta, bibliotecária e pesquisadora.

A obra poética de Zila Mamede é reconhecida pela crítica positiva exposta nos principais jornais do Brasil. Antônio Olinto, Nelson Werneck, Osman Lins, que

publicavam nos jornais *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio* e *Folha da Manhã*, escreveram sobre a poesia de Zila.

Zila era incansável não só como poeta, mas também como pesquisadora, compondo bibliografias, organizando acervos e bibliotecas, em constante formação e aperfeiçoamento. Poeta e bibliotecária, Zila Mamede se destacou nos dois campos com trabalhos exemplares e reconhecimento pelo seu mérito literário e intelectual.

É vasta a sua produção. Seis livros de poemas publicados em vida: *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), *Arado* (1959), *Exercício da Palavra* (1975), *Navegos* (1978) e *Herança* (1984); somados a dois póstumos: *Navegos Herança* (2003) e *Exercícios de poesia textos esparsos* (2009); e dois estudos bibliográficos de peso: *Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual, 1918-1968* (1970) e *Civil Geometria: bibliografia crítica e anotada de João Cabral de Melo Neto* (1987); e, em conjunto com Deífilo Gurgel, pesquisador, poeta e folclorista, *Bibliografia anotada sobre Xico Santeiro* (1966).

Pela importância e relevância, a poesia e o trabalho bibliográfico realizado por Zila foram objeto de uma série de estudos acadêmicos. No entanto, a Zila jornalista ainda resta ser estudada. Assim, propomos um levantamento das publicações da autora no jornal *Tribuna do Norte* no período de 1950 a 1952.

### **Poeta, bibliotecária e jornalista**

O despertar para a poesia começa com a mudança para a cidade de Natal durante o período da Segunda Guerra Mundial. O pai era mecânico e a presença americana na cidade, fruto do movimento da guerra, trazia oportunidades de emprego. A família vivia em Caicó, sertão do Rio Grande do Norte, para onde havia emigrado, oriunda de Nova Palmeira, estado da Paraíba, onde a poeta nasceu em 1928.

Em Natal, Zila estudou no Colégio Imaculada Conceição, quando começou a escrever os primeiros poemas. Jovem, para se manter, fez curso de contabilidade e foi trabalhar na firma de Sérgio Severo, na Ribeira (SOBRAL, 2015).

Zila começa um curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, nos anos 1950, o primeiro. No Rio de Janeiro, teve o privilégio de conviver com o poeta Manuel Bandeira. Procurando se aperfeiçoar constantemente, se voltou a um mestrado na área em Biblioteconomia, que não chegou a concluir.

Já a sua escola poética se estabeleceu com a correspondência perene com os poetas Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (SOBRAL, 2016). Zila manteve uma correspondência e uma amizade profícua com poetas, escritores e críticos brasileiros que se desenrolara por toda a sua vida até a sua morte, em 1985. Ela era a Zila azul querida, assim a tratava o poeta Carlos Drummond de Andrade.

*Rosa de Pedra* (1953), o primeiro livro, saiu pela Imprensa Oficial do estado do Rio Grande do Norte por obra do crítico literário, poeta e diretor da Imprensa, Antônio Pinto de Medeiros. Incentivador da poesia de Mamede, crítico literário da cidade que atuava nos jornais e autor de uma coleção que, naquela década de 1950, publicaria outros poetas potiguares que entrariam para o cânone da literatura do Rio Grande do Norte.

Zila começou publicando seus poemas no jornal. Era comum nos jornais e revistas a publicação de poemas enviados por colaboradores e outros poetas assim procederam, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

A pesquisa nos jornais revelou poemas inéditos nunca publicados em livro e a colaboração de Zila ao Jornalismo, profissão que abraçou na década de 1950, concomitante as outras atividades que desenvolvia, seja como poeta, escrevendo e publicando poemas; seja como bibliotecária, construindo a sua formação na área; seja trabalhando diariamente na Firma Sérgio Severo. Zila Mamede foi por toda vida polivalente.

O Jornalismo parece uma opção declarada nesta década e a sua atuação merece registro não só pelo papel e pioneirismo que desempenhou na cidade, mas também pela diversidade de sua colaboração.

Zila se torna colunista interina, cronista e repórter bissexta na *Tribuna do Norte*, posteriormente redatora do *Diário de Natal* e correspondente internacional do jornal carioca *O Globo* para a cobertura na Europa do Congresso Mundial da Juventude Operária Católica.

Além disso, colaborou com os suplementos literários de jornais de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Zila estava integrada ao grupo poético pernambucano de Mauro Mota, Ledo Ivo, Carlos Pena Filho, entre outros.

O interesse de Zila Mamede pelo Jornalismo, assim como em suas demais áreas de atuação, foi crescente. Pode-se perceber que uma característica sua era sempre buscar capacitação para o que fazia. Não espanta que tenha frequentado em 1953, nos meses de novembro e dezembro, o curso de extensão universitária I Seminário de Jornalismo promovido pela Universidade de Recife em parceria com a Associação de Imprensa de Pernambuco. Ainda não havia faculdade de Jornalismo em Natal – que só seria implantada em 1962, se configurando como uma das primeiras do país.

Em 1957, Mamede passou a trabalhar como redatora no *Diário de Natal*, se registrando como jornalista profissional admitida na Associação Norte-riograndense de Imprensa. E também viajou como correspondente. No mesmo ano de 1957, recebeu as credenciais do jornal *O Globo* para cobertura jornalística em Roma do Congresso Mundial da Juventude Católica.

Embora a sua atuação no Jornalismo não seja perene nem regular, merece o registro e o levantamento de sua produção para a imprensa e o seu manifesto interesse em pertencer à categoria dos jornalistas, tendo, inclusive, procurado se registrar na Associação Norte-riograndense de Imprensa.

Ainda falta à sua bibliografia algum estudo que observe a sua colaboração para o Jornalismo e quiçá um levantamento desta produção nos jornais da época. Alguns textos esparsos publicados na *Tribuna do Norte* foram reunidos (MAMEDE, 2009).

Uma pesquisa nos arquivos do jornal *Tribuna do Norte*, do ano de 1950 a 1952, recupera a colaboração de Zila Mamede para a coluna Revista da Cidade, por um breve período, e sob pseudônimo de Maiana; crônicas publicadas numa seção intitulada Aspectos da Cidade; colaboração para a seção Tribuna Social e reportagem. Além disso, uma infinidade de poemas.

### **Zila na coluna Revista da Cidade**

O jornal *Tribuna do Norte* foi fundado em Natal no ano de 1950 pelo jornalista norte-rio-grandense Aluizio Alves. Funcionava com duas linotipos e circulava com doze páginas. Havia como seções fixas a Revista da Cidade e a Tribuna Social, espaços em que Zila aparecerá como colaboradora. “Eu me lembro que assinava uma coluna na *Tribuna do Norte* e, em vez de escrever esta coluna (que era meio política, meio social), eu comecei a publicar um poema por dia” (GALVÃO, 2005, p. 24).

A coluna provavelmente era Revista da Cidade. Zila temporariamente substituiria o titular, Rômulo Wanderley. Rômulo Chaves Wanderley era advogado, professor e atuava como colunista-articulista da *Tribuna do Norte* na Revista da Cidade até, posteriormente, se mudar para outro espaço no jornal, a coluna Nota da Manhã. Revista da Cidade foi uma coluna híbrida em que figurava uma crônica ou artigo e notas diversas.

Zila assume temporariamente Revista da Cidade sob o pseudônimo de Maiana. No entanto, a experiência foi por um breve período, entre 10 de janeiro e 8 de fevereiro de 1952. Não era uma coluna diária, nem tampouco tinha um dia fixo na semana. Funcionava como uma coluna social que registrava aniversários, nascimentos, casamentos, festas e felicitações para pessoas de destaque na cidade.

Um levantamento nas edições da *Tribuna do Norte* aponta as colaborações de Zila no período e mostram que não havia um dia fixo para a coluna Revista da Cidade. A colaboração de Zila assim se configura:

Quadro 1: Colaboração de Zila na coluna Revista da Cidade, do jornal *Tribuna do Norte*

Datas das publicações
Quinta-feira, 10 de janeiro de 1952
Sábado, 12 de janeiro de 1952
Domingo, 13 de janeiro de 1952
Quarta-feira, 16 de janeiro de 1952
Quinta-feira, 17 de janeiro de 1952
Sexta-feira, 18 de janeiro de 1952
Sábado, 19 de janeiro de 1952
Domingo, 20 de janeiro de 1952
Terça-feira, 22 de janeiro de 1952
Quarta-feira, 23 de janeiro de 1952
Quinta-feira, 24 de janeiro de 1952
Sexta-feira, 25 de janeiro de 1952
Sábado, 26 de janeiro de 1952
Domingo, 27 de janeiro de 1952
Terça-feira, 29 de janeiro de 1952
Quinta-feira, 31 de janeiro de 1952
Sexta-feira, 01 de fevereiro de 1952
Sábado, 02 de fevereiro de 1952
Domingo, 03 de fevereiro de 1952
Terça-feira, 05 de fevereiro de 1952
Quarta-feira, 06 de fevereiro de 1952
Quinta-feira, 07 de fevereiro de 1952
Sexta-feira, 08 de fevereiro de 1952

Fonte: Autoria própria

Zila não propõe um jornalismo estritamente feminino, como Clarice Lispector fará depois, na década de 1960, ao colaborar sob pseudônimo para colunas femininas que entraram em voga nos jornais cariocas *Correio da Manhã* e *Diário da Noite* (LISPECTOR, 2008).

No entanto, há uma voz clara e autoral da jovem jornalista Zila, aos 24 anos de idade, uma poeta à procura da sua voz e uma profissional à procura do seu destino. Zila busca corresponder ao propósito de uma coluna social, mas o faz de forma autoral e extremamente provocadora, talvez, por isso, tenha se vestido sob pseudônimo.

A coluna além desta estampa do social se lança a outros propósitos. A colunista toma a voz dos moradores da rua Trairi, onde residia, e de forma provocadora cobra providências para a instalação de telefones. Também há espaço para as variedades, por exemplo, quando trata das sessões de cinema de forma crítica, opinando e comentando sobre filmes e anunciando que o fará na próxima coluna.

Zila torna Revista da Cidade um espaço plural, amplia o repertório para a seara cultural, que era de fato a sua área de interesse, visto que era poeta e convivia com a intelectualidade da cidade. Subverte o tom brando da coluna social, embora continue a anunciar os expedientes de praxe: nascimentos, batizados, casamentos, mortes e viagens, mas não deixa de fixar uma tribuna com um olhar crítico para a realidade, seja nos comentários ácidos ou nos reclames.

Espaço de todas as conveniências, a colunista também se desculpa pelos erros. Maiana divulgou uma nota sobre o teatro de amadores e então teve que se retratar. O título da nota é “Cuidado com as aparências” e foi publicada em 18 de janeiro de 1952:

Certa senhorita publicando uma crônica sobre a revista do Teatro de Amadores de Natal, ligou a mesma ao nome do Sr. Sandoval Wanderley. Mas, o que houve foi um engano de sua parte, pois a pessoa que ela identificou como sendo Sr. Sandoval era, de fato, um Wanderley: mas, o que usa costeletas... cuidado, senhorita, as aparências quase sempre enganam (MAMEDE, 1952a, p. 01).

Entrava na pauta outros *fait-divers*, como a visita do médico industrial Tarcísio Maia à redação do jornal (nota "Visitando a Tribuna do Norte", publicada em 19 de janeiro). Desmentidos: o poeta e vaqueiro norte-rio-grandense José Praxedes não fora assassinado (nota "Não perderam os vaqueiros o seu poeta", publicada em 20 de janeiro). Fofocas: “aos nossos ouvidos chegou um fato interessante. Contaram que uma certa poetisa da nova geração...” (nota "Pretensão dos novos", publicada em 20 de

janeiro); e até fantasia de carnaval: “este ano o Sr. Aureliano de Medeiros vai se fantasiar de Urubu Malandro...” (nota "Tarde e atrasada", publicada em 22 de janeiro).

O jornalismo feminino no século XX já contava com Rachel de Queiroz escrevendo reportagens, notas e colaboração para os jornais cearenses na década de 1920 e para os jornais cariocas na década de 1940. Nos anos 1950, Rachel já era jornalista da *Revista Cruzeiro* (SOBRAL; BULHÕES, 2017).

As mulheres assumiam cada vez mais espaços nas redações atuando como repórteres, redatoras, pauteiras, revisoras, dentre outras funções. No entanto, segundo Rachel de Queiroz (QUEIROZ, 2010), havia restrições à atuação das mulheres no *front*, o que não a impediu de tratar de assuntos antes restritos ao universo masculino, como a política, ao se fixar como articulista e cronista.

Determinadas, tanto Zila quanto Rachel começaram muito jovens nas redações e firmaram o espaço do jornal impresso como um campo de expressão. O caminho de Zila não será diferente neste curto período na Revista da Cidade, entre a festa profana, um carnaval no Clube da Redinha e uma festa religiosa da diocese de Natal, a autora toma a voz da defesa das inverdades: “chegou aos ouvidos da coluna que o Teatro Carlos Gomes teria exibido cenas de imoralidade”, o que ela veementemente afirma que só pode ser a mais pura inverdade (nota "No teatro Carlos Gomes", publicada em 25 de janeiro).

Outros temas passeiam pelas notas e afirmam o tom de variedade da coluna. Há anúncio de um curso de aperfeiçoamento rural e até internação no hospital Miguel Couto: “internou-se ontem a Srta. Zélia Varela Cocentino, funcionária da Panair do Brasil” (nota "No Miguel Couto", publicada em 26 de janeiro).

Mesmo assim a colunista avisa, ao que parece, a falsa falta de assunto. Uma desculpa, talvez, para a publicação de uma carta ao leitor. No caso de Zila, parece mais uma provocação e publica a carta-reposta de um leitor indignado com o comentário da poeta ao cinema brasileiro.

Além da coluna, Zila concomitantemente continuou a publicar os seus poemas no jornal. No dia 02 de fevereiro a coluna não aparece assinada. Será ainda Maiana? Provavelmente, pois na edição seguinte continua a temática exposta na coluna não assinada, que tratava do leprosário de Natal. Maiana segue até o dia 8 de fevereiro de

1952, parte sem se despedir, e no seu lugar assume o Príncipe Ibis. Quem reaparecerá no jornal não será mais Maiana e, sim, Zila, na Tribuna Social e em Aspectos da Cidade.

### **Zila na Tribuna Social, em Aspectos da Cidade e em reportagem**

Na Tribuna Social, Zila publicou poemas, era colaboradora assídua. Tratava-se de uma coluna do jornal *Tribuna do Norte* que contava com uma série de notas que contemplavam horóscopo, aniversários, nascimentos, falecimentos, crismas, viajantes, e ainda uma seção Leitura com quadrinhos, curiosidade, pensamentos, conselhos e humor, em intertítulos demarcados.

Durante todo o ano de 1951, Zila participa do jornal com o envio dos seus poemas. A mesma tônica adentra no ano seguinte, no entanto o espaço de publicação dos poemas não é mais a Tribuna Social. Ora aparece livre na página do jornal, ora aparece na Revista da Cidade.

Na Tribuna Social Zila publica o primeiro texto em prosa no dia 4 de janeiro, sexta-feira, com o título de “Eu li Phoenix”. Sim, ela leu a Phoenix, afirmará. Phoenix era a revista do Teatro de Amadores de Natal. No artigo Zila fará a defesa da qualidade e do conteúdo da revista, afirmando que não era nada “fraquinha”, como haviam anunciado. Foi o seu texto inaugural em prosa. Seis dias depois da publicação deste artigo, assumirá a Revista da Cidade assinando como Maiana, atividade que segue até o dia 8 de fevereiro.

A colaboração dos textos em prosa de Zila transitará pelo jornal sem espaço fixo ou periodicidade. Neste ínterim, aparecem poemas e mais poemas. Dia 13 de março, quinta-feira, Zila retoma a prosa na página dedicada a escritos diversos, artigos e crônicas, com o texto “O menino da autolotação”:

Era um calor danado. Apanhei o primeiro transporte que apareceu, um auto-lotação que faz a linha Ribeira-Alecrim, daqueles que correm tanto, fazem um cem número de zigue-zagues, “voam tão baixo”, por assim dizer que a gente fica tonta. Felizmente ainda havia um lugar de verdade. Às vezes estão absolutamente superlotados e o motorista ainda grita – “cabe mais um”. Bem, mas não estou querendo falar do serviço de auto-lotações, sobre o que, aliás, muito teria a dizer. Refiro-me ao menino... (MAMEDE, 1952b, p. 01).



A vida na cidade, as impressões do dia-a-dia serão as marcas destes textos escritos com tom de crônica, ou seja, observação do cotidiano pela leitura subjetiva da cronista.

Um levantamento da sua participação no jornal no ano de 1952 revela, para além destes primeiros textos publicados no primeiro semestre, uma reportagem.

Zila só reaparecerá na função de cronista com mais uma curta investida, feita numa nova seção, Aspectos da Cidade, no final de novembro. Abaixo está o levantamento de colaborações diversificadas de Mamede no ano de 1952.

Quadro 2: Colaborações diversas de Zila no jornal *Tribuna do Norte*

Data	Seção/classificação	Título
Sexta-feira, 04 de janeiro de 1952	Tribuna Social	Eu li Phoenix
Quinta-feira, 13 de março de 1952	Seção: diversos	O menino da autolotação
Quinta-feira, 27 de março de 1952	Seção: diversos	Natal na manhã de domingo
Quarta-feira, 16 de abril de 1952	Classificação: reportagem	1º Centenário do Compositor brasileiro Henrique Oswald
Terça-feira, 25 de novembro de 1952	Aspectos da Cidade	O quarteirão branco
Domingo 30 de novembro de 1952	Aspectos da Cidade	Miramonte, o castelo
Domingo, 07 de dezembro de 1952	Aspectos da Cidade	Festival Beethoveniano
Domingo, 14 de dezembro de 1952	Aspectos da Cidade	Posto de salvamento

Fonte: Autoria própria

A reportagem "1º Centenário do Compositor brasileiro Henrique Oswald", assinada por Zila em abril de 1952, narra a festa realizada no Instituto de Música do Rio Grande do Norte em homenagem ao compositor Henrique Oswald. O texto é efusivo, extremamente narrativo, semelhante ao estilo jornalístico empregado nas reportagens de então.

A Zila repórter, assim como a Zila cronista, se revela dentro do seu próprio tempo, ou seja, do Jornalismo que era comumente praticado. Não se destaca, nem revela ou antecipa nenhuma mudança. Foi sua única reportagem, outra só viria dois anos depois.

A poeta jornalista só aparecerá em prosa em 1952 no final do segundo semestre, com Aspectos da Cidade. O tom é tanto de reportagem como de crônica, o que levar a crer que a classificação de gênero no trabalho de Zila é arbitrária. Não há características próprias e demarcadas que permitam afirmar ser artigo, crônica ou reportagem, mas por estarem na página do jornal impresso, se trata de Jornalismo.

## Considerações finais

Ainda não havia a técnica do lide nos jornais brasileiros quando Zila escrevia os seus textos. O artigo e a crônica já eram gêneros definidos, imperava a reportagem e a notícia, mas não havia uma categorização precisa quanto aos seus elementos constitutivos. Podemos apreender que era reportagem aquilo que se autodenominava reportagem, artigo o que se chamava de artigo e crônica o que se chamava de crônica.

Rachel de Queiroz, que como mencionamos já publicava na revista *Cruzeiro* neste período, tinha seus textos classificados como artigos nos expedientes da revista, mas ela os reconhecia como crônicas e sob essa nomenclatura os reunia posteriormente em livros (SOBRAL; BULHÕES, 2017).

O jornalismo praticado por Zila é como o jornalismo praticado por Rachel. Ambas imprimem a própria voz em tudo que escrevem, seja crônica, artigo, nota etc. Desta forma, devemos levar em conta que não importava a que gênero pertencia, e sim quem o assinava. Quando o jornalista queria revelar a sua marca, assinava com o nome próprio, quando era preciso se proteger para agir com liberdade crítica, adotava o pseudônimo, como Zila o fez.

Um jornalismo que se pode chamar autoral, porque era devidamente assinado, diferentemente das demais seções do jornal, que comumente não eram assinadas. A matéria assinada se destinava ao colaborador, que geralmente atuava como articulista ou cronista em seção fixa, mas não era considerado pelo cânone como "jornalista de verdade".

A opção de Rachel e Zila de se firmarem jornalistas e não, respectivamente, romancista e poeta, revela que no espaço que habitavam eram essencialmente jornalistas, mas jornalistas com vozes próprias, vozes autorais.

Assim, Zila Mamede praticava um Jornalismo híbrido que poderia ser nota, reportagem, crônica e artigo. Mas que, na verdade, constitui um jornalismo autoral, pois era eivado pelas características de estilo que se identificam permanentemente nas declarações de autor.

A ironia, a escolha dos temas, dentre outros, o que permite afirmar e classificar este jornalismo para além dos gêneros. Ela exercia um Jornalismo marcado pelas características subjetivas e com a sua marca, sua visão sobre o mundo, um olhar

atuante e participativo no dia-a-dia da cidade. A cidade era o seu tema, e a visão crítica e a ironia, a sua marca. Zila Mamede foi jornalista.

## REFERÊNCIAS

GALVÃO, Cláudio (2005). *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal: Moura Ramos.

LISPECTOR, Clarice. NUNES, Aparecida Maria (Org.) (2008). *Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos*. Rio de Janeiro: Rocco.

MAMEDE, Zila. ARAÚJO Humberto Hermenegildo; GALVÃO, Maria José Mamede; GALVÃO, Marise Adriana Mamede (Orgs.) (2009). *Exercícios de poesia: textos esparsos*. Natal: EDUFRN e NCCEN.

MAMEDE, Zila (1952a). *Cuidado com as aparências*. Tribuna do Norte, 18 de jan. 1952.

MAMEDE, Zila (1952b). *O menino da autolotação*. Tribuna do Norte, 13 de mar. 1952.

QUEIROZ, Rachel (2010). *Tantos anos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SOBRAL, Gustavo (2016). Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizade. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, v. 46, p. 36-50.

SOBRAL, Gustavo (2015). *Zila*. Publicado na Revista Bzz. Natal/RN, ano 3, nº 24, jun. 2015, pp. 58-62.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana (2017). Rachel de Queiroz, jornalista. *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v. 14, p. 39-50.

## SOBRE OS AUTORES:

### **Gustavo Leite Sobral**

Mestre em Estudos da Mídia e jornalista pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bacharel em Direito pela Universidade Potiguar/Laureate e advogado. Escritor e pesquisador, escreveu, publicou e organizou diversos livros ([www.gustavosobral.com.br](http://www.gustavosobral.com.br)). Email: [gustavo@gustavosobral.com.br](mailto:gustavo@gustavosobral.com.br).

### **Juliana Bulhões Alberto Dantas**

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília. Mestra em Estudos da Mídia, jornalista e radialista pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em Assessoria de Comunicação pela Universidade Potiguar/Laureate. Email: [julianabulhoes.ad@gmail.com](mailto:julianabulhoes.ad@gmail.com).